

## Presidente Jair Bolsonaro *versus* imprensa tradicional: Uma análise da repercussão dos embates com mulheres jornalistas<sup>1</sup>

Laura Pereira GONÇALVES<sup>2</sup>  
Graduanda

Luiz Ademir de OLIVEIRA<sup>3</sup>  
Doutor

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

**Resumo:** O artigo investiga a relação conflituosa entre o presidente Jair Bolsonaro e a imprensa tradicional, visto que o mesmo utiliza o Twitter como principal canal de comunicação das ações de seu governo e de suas opiniões. Discute-se como base teórica Midiatização e Política (Braga, 012; Rosseto *et al*, 2013), Jornalismo como Campo Simbólico (Bourdieu, 1989, Oliveira *et al*, 2021), Feminismo e Desigualdade de Gênero (Miguel & Biroli, 2014; Bourdieu, 2002). Desenvolve-se um estudo de caso dos ataques à jornalista Patrícia Campos Mello, da *Folha de S. Paulo*, em 19 de fevereiro de 2020, e os desdobramentos do caso (repercussão na mídia e nas entidades de classe). Procurou-se identificar o discurso misógino e sexista e como Bolsonaro tenta destituir o campo jornalístico e o trabalho das jornalistas a partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

**Palavras-chave:** História do Jornalismo; Campo Jornalístico; Jornalistas Mulheres; Jair Bolsonaro; Misoginia;

### Introdução

No dia 18 de outubro de 2018, a jornalista Patrícia Campos Mello divulgou a reportagem “Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. Com contratos de R\$ 12 milhões, prática viola a lei por ser doação não declarada”, no jornal *Folha de S. Paulo*, que repercutiu na campanha eleitoral em pleno segundo turno entre Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT), gerando ainda mais suspeitas sobre os disparos de *fake news* pela candidatura de Bolsonaro tanto contra o candidato petista como contra a vice Manoela D’Ávila (PCdoB) (MELLO, 18 de novembro de 2018). A poucos dias da eleição, num clima de polarização, parece não ter impactado nas intenções de voto, já que Bolsonaro manteve o seu favoritismo e saiu vitorioso. No entanto, depois gerou a Comissão Parlamentar de Inquérito Mista (Senado e Congresso) das *Fake News*, criada em 04 de

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao GT – História do Jornalismo do XIII Encontro Nacional de História da Mídia, que é organizado pela FACOM/UFJF em 2021.

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: [laurapereirag2@gmail.com](mailto:laurapereirag2@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação Social (UFMG), Mestre e Doutor em Ciência Política (IUPERJ), Docente do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM). E-mail: [luizoli@ufsj.edu.br](mailto:luizoli@ufsj.edu.br).

setembro de 2019 para apurar denúncias de notícias falsas na campanha de 2018. Por ocasião dos desdobramentos da reportagem da jornalista da *Folha*, Bolsonaro chegou a insultá-la com frase de conotação sexual no dia 19 de fevereiro de 2020. “Ela queria 1 furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim”, disse o presidente. Se, em jornalismo “furo” significa publicar a notícia antes do concorrente, Bolsonaro utilizou em duplo sentido arrancando risadas de seus apoiadores. A repercussão da ofensa à Patrícia Campos Mello foi negativa tanto na imprensa como nas entidades de classe.

Eleito em 2018, Bolsonaro alimentou-se da onda antipetista no contexto em que Dilma sofreu *impeachment* (31 de agosto de 2016) e Lula foi condenado, preso pela Operação Lava Jato (7 de abril de 2018) e impedido de disputar a Presidência. Trata-se, ainda, de um líder excêntrico de direita que alimenta polêmicas desde 2011 quando era deputado (falas machistas, homofóbicas, racistas, defesa da ditadura, porte de armas etc.).<sup>4</sup>

Em sua campanha à eleição, o desempenho do político ganhou impulso após o atentado sofrido em 6 de setembro de 2018, em Juiz de fora em Minas Gerais, quando foi atacado por uma facada em um comício, enquanto era carregado por uma multidão de apoiadores.<sup>5</sup> As relações entre Bolsonaro e a grande imprensa já estavam desgastadas e pioraram depois de o candidato se eleger e, após a sua vitória e a sua posse, tal situação ficou ainda mais acirrada, marcada por conflitos, principalmente com jornalistas mulheres, revelando a postura machista e misógina do presidente. Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), no 1º semestre de 2020, foram registradas 245 ocorrências, sendo 211 categorizadas como tentativa de tirar a credibilidade da imprensa, 32 ataques pessoais a jornalistas e dois ataques contra a FENAJ, contabilizando 10 ataques ao trabalho jornalístico semanalmente. (FENAJ, 2020). A situação com a imprensa piorou à medida em que houve a proliferação do novo coronavírus.

Quanto aos ataques às mulheres jornalistas, a representatividade feminina sempre foi baixa no meio profissional e traz à tona discussões acerca da desigualdade de gênero e oportunidade nos negócios. A regulamentação da profissão de jornalista em 1969 contribuiu

---

<sup>4</sup> Bolsonaro surgiu como uma alternativa de tirar o Partido dos Trabalhadores (PT) do poder, sendo a esperança da extrema direita e do Partido Social Liberal (PSL), seu nono partido desde designado vereador em 1988. Bolsonaro exercia o seu 7º mandato de deputado federal pelo Rio de Janeiro. Militar da reserva, apresentou 171 projetos, sendo só dois aprovados. Ficou conhecido pela personalidade controversa em decorrência de sua visão de extrema-direita, em defesa da pauta conservadora de costumes e da ditadura.

<sup>5</sup> O esfaqueamento na região do abdômen lhe rendeu quatro cirurgias e ocupou grande parte dos noticiários da imprensa, ademais, impossibilitou o candidato de comparecer aos seus compromissos, como os debates com os opositores, proporcionados pela imprensa. A sua campanha foi marcada pelo investimento de seus recursos na internet, especialmente nas redes sociais (*Facebook e Twitter*) e aplicativos de comunicação instantânea, como o *WhatsApp*. Os adversários de Bolsonaro argumentam que a sua campanha foi baseada na disseminação de *fake news* nas redes sociais, tanto para ataque aos adversários quanto para defesa.

para a inserção da mulher no mercado de trabalho, mas elas participavam no que é chamado de “cozinha” do veículo. Atendiam ao telefone ou trabalhavam no secretariado ou por vezes faziam parte da produção, mas nunca assumiam os microfones e a ancoragem do meio.

Em 2013, a Federação Nacional de Jornalistas constatou que o número de mulheres jornalistas superou o percentual de homens, mas é a classe masculina que ocupa os cargos de chefia nas redações do país. Conforme site da Fenaj (2021), a Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ) lançou uma campanha global #PayMeEqual, estimulando a mídia em todo o mundo a realizar auditorias salariais em suas redações e a agir para combater as disparidades salariais de gênero. Dados da FIJ apontam que a disparidade salarial global entre homens e mulheres chega a 23% (as mulheres ganham só 77% em relação aos homens). No jornalismo, os cargos mais bem pagos são ocupados por homens. Dados do Relatório Salarial da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 2021 revelaram que as mulheres foram afetadas de forma desproporcional pela Covid-19, ampliando a desigualdade de gênero.<sup>6</sup>

Esta predominância masculina em posições de autoridade coloca a mulher em situações de injustiça e vulnerabilidade. Diante disso, o sistema aceita piadas machistas, além de outras atitudes, que atestam e atribuem ao homem a sexualidade plena e incontrolável, de maneira que o presidente Bolsonaro faz discursos e ofensas machistas e misóginas, como ocorreu em relação à menção a sua filha, em que ele afirmou ter sido resultado de uma “fraquejada”, já que os outros quatro filhos são homens.<sup>7</sup> Talvez um dos casos mais famosos de ataque contra a mulher ocorreu contra a deputada Maria do Rosário. Em 2003, Bolsonaro, então deputado, a empurrou e chamou de “vagabunda”. Passados mais de 10 anos depois, em 2014, na Câmara dos Deputados, ele declarou: “Ela é muito feia. Eu não sou esturador, mas, se fosse, não iria esturpar porque ela não merece”.<sup>8</sup>

A partir dos confrontos de Bolsonaro com a imprensa, a proposta do artigo é analisar como se deu a polêmica com a jornalista Patrícia Campos Mello, da *Folha de S.*

<sup>6</sup> [https://fenaj.org.br/fij-e-hora-de-conseguir-salarios-iguais-na-midia/#:~:text=A%20disparidade%20salarial%20global%20entre,Internacional%20do%20Trabalho%20\(OIT\)](https://fenaj.org.br/fij-e-hora-de-conseguir-salarios-iguais-na-midia/#:~:text=A%20disparidade%20salarial%20global%20entre,Internacional%20do%20Trabalho%20(OIT).). Acesso em 06 de maio de 2021.

<sup>7</sup> Um exemplo deste comportamento, com teor sexual e dirigido diretamente à própria família de Bolsonaro, é visto mesmo antes de sua eleição. Em uma declaração, feita em visita à sede do Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, em quatro de abril de 2017, na qual o presidente faz menção à sua filha, como motivo de sátira e a rebaixa para uma “fraquejada”, de maneira a demonstrar postura machista e ser apoiado, entre risadas, pelos presentes no ambiente. “Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. (Trecho do discurso disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2YaLo74yLoY&ab\\_channel=ForaDaCaixa](https://www.youtube.com/watch?v=2YaLo74yLoY&ab_channel=ForaDaCaixa)).

<sup>8</sup> A alegação, além de ter um caráter sujo, mexe com uma das principais fraquezas brasileiras, tendo em vista que o Brasil é o quinto país no ranking de feminicídio, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), e muitos deles são consequências de estupro. (Trecho disponível em vídeo: [https://www.youtube.com/watch?v=RAUUtFRguxQ&ab\\_channel=TheInterceptBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=RAUUtFRguxQ&ab_channel=TheInterceptBrasil))

*Paulo*, os desdobramentos do caso e de que forma os ataques do presidente revelam uma tentativa de deslegitimar o trabalho da jornalista acionando a desigualdade de gênero (Bourdieu, 2002). Serão analisados os *tweets* feitos pelo presidente Bolsonaro e a repercussão em veículos de imprensa e a publicação de notas de repúdio de entidades de classe do âmbito jornalístico, recorrendo à Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

### **Midiatização, Processos Sociais e a Interface com a Política**

Hoje, a mídia ocupa um espaço de centralidade na vida social, permeando os outros campos sociais, como a política, a religião, entre outras áreas, conforme Rodrigues (1990). Para isso, é preciso que o discurso político se adapte à lógica midiática. Há uma circulação mais ampla das formas simbólicas e uma nova dimensão espaço-temporal, que se intensifica com as mídias massivas (impresso, rádio e TV) e tem uma aceleração com a internet e as mídias digitais, levando a um contato permanente e cotidiano dos indivíduos com circuitos informativos e comunicacionais, a chamada midiatização (Braga, 2012).

Assim, há um embate sobre o crescente processo de midiatização, visto que a mídia hoje está inserida no cotidiano dos indivíduos, alterando a lógica de funcionamento da própria sociedade. Braga (2012) retrata as consequências significativas que a midiatização apresenta na sociedade contemporânea - “que é um atravessamento dos campos sociais estabelecidos, gerando situações indeterminadas e experimentações correlatas” (BRAGA, 2012, p.31). Segundo o autor, com a midiatização crescente dos processos culturais em geral, a lógica de funcionamento dos campos sociais é alterada e eles tendem a perder poder. Assim, cada setor ou processo de sociedade, segundo o autor, participa de circuitos múltiplos, que envolvem momentos dialógicos. Mas ele reconhece que os campos sociais buscam se adaptar aos novos circuitos impostos pelos dispositivos tecnológicos e culturais.

No que diz respeito à centralidade da mídia para a política e outros campos sociais, apropriando-se dos argumentos de Lima (2006), pode-se afirmar que hoje os campos têm uma forte interface com a instância midiática. A partir das sete teses que o autor cria para explicar a centralidade da mídia para a política, entende-se como isso também ocorre com os demais campos sociais: (1) o papel de centralidade da mídia para a vida social; (2) a mídia substitui o papel das instituições sociais e políticas; (3) a mídia é responsável por criar a agenda pública; (4) a imprensa atua como ator social e político; (5) a mídia alterou a lógica das campanhas, sejam publicitárias ou eleitorais; (6) as características históricas específicas do sistema de mídia no Brasil potencializam o seu poder no processo social e

político; (7) as características específicas da população brasileira historicamente potencializaram o poder da mídia no processo social e político. Deve-se fazer ressalvas nas teses de Lima, já que o texto é de 2004. Em 2021, as mídias massivas perderam esta hegemonia, devido ao crescimento das mídias digitais. O sistema de mídia é complexo e diversificado - TV Aberta e TV Paga, *Streaming* e a internet com muitas possibilidades.

Como o presidente Jair Bolsonaro faz uso recorrente das redes sociais para se comunicar com o público e também para atacar a imprensa, é importante trazer alguns argumentos teóricos sobre as redes sociais. Rossetto *et al* (2013) argumentam que as ações de compartilhamento fomentam uma rede de conexões que dissemina as mensagens, propiciando a possibilidade de viralização, que faz com que a mensagem alcance usuários independente da mesma rede social, do mesmo ciclo ou do mesmo país. Nesse sentido, o Twitter apresenta-se como um local de ressonância de temas e discussões políticas que servem como base para divulgação nos mais diversos meios de comunicação.

Segundo Rossetto *et al*, a influência do conteúdo das mídias sociais ostenta grande poder de tomada de decisão e tem efeito explícito na opinião dos indivíduos a respeito dos temas discutidos. Isso torna-se um potente instrumento para propagar ideais políticos e induzir ideias a quem for exposto ao assunto tratado. Segundo Parlamee e Bichard (2012) *apud* Rossetto *et al* (2013), a utilização da rede apresenta três objetivos que se destacam na carreira política de determinados atores políticos: (1) uma forma de obter informação política rápida e sem filtros; (2) preenche o anseio dos usuários que desejam ser parte do processo político; (3) uma ferramenta de negócio para quem trabalha com política ou faz a cobertura de notícias políticas. Sobre a acessibilidade das redes sociais, como o Twitter, nota-se, no caso do presidente, um alto investimento para manter-se conectado com os eleitores e difundir as ideias conservadoras.

### **O Jornalismo como campo simbólico**

Na visão de Oliveira *et al* (2021), há uma disputa simbólica entre o presidente Bolsonaro e a imprensa tradicional. Segundo os autores, percebe-se que há uma tentativa do de o presidente em tirar a legitimidade do campo jornalístico e, principalmente, dos profissionais que atuam na imprensa. Isso fica mais preocupante quando os ataques são mais frequentes quando envolvem jornalistas mulheres, revelando misoginia, ao naturalizar a violência simbólica (Bourdieu, 2002). O discurso de Bolsonaro traz latente a ideia de que o jornalismo e a política são espaços apropriados para serem ocupados pelos homens.

Bourdieu (1997) afirma que o campo jornalístico, assim como os demais campos sociais, estrutura-se por forças internas. Nesses campos, segundo o autor, existem lutas acerca das relações de poder, que buscam transformar, subverter ou manter essas forças. Tratam-se tanto de lutas internas quanto externas. Há, por exemplo, no caso do Brasil, disputas entre grupos de mídia envolvendo conglomerados como Globo, SBT. Hoje, com a Blogosfera Alternativa Progressista, vinculada a grupos mais de esquerda, tem-se uma disputa entre os chamados grupos contra hegemônicos contra a mídia tradicional hegemônica.

Conforme Bourdieu (1997), mesmo que o campo jornalístico seja consolidado, sofre pressão e influência de campos externos, em especial do econômico. O jornalismo também influencia campos exteriores, já que contribui para moldar a realidade. A conexão entre o jornalismo e a sociedade é abordada por Groth (2007), que aponta aspectos internos do campo jornalístico relacionados fortemente aos aspectos externos. Tratam-se de questões referentes à sociedade. É necessário que o jornalismo investigue não só “suas próprias leis, mas também conheça as dos outros sistemas culturais e das transformações sociais, e, por fim, da sociedade de cultura elevada em seu conjunto” (GROTH, 2007, p.273).

O campo jornalístico, conforme aponta Gaye Tuchman (1993), trabalha sob a égide do mito da objetividade jornalística como forma de se legitimar e até de se proteger. Para isso, a socióloga aponta os rituais estratégicos adotados pelos profissionais como maneiras de legitimação do campo. Entre os rituais, estão: ouvir os lados envolvidos no fato, usar aspas para as declarações, construir a narrativa seguindo o modelo norte-americano e utilizar provas complementares. Tuchman (1993) afirma que os jornalistas defendem que os fatos devem ser reunidos e estruturados de um modo que retrate a falta de comprometimento, a imparcialidade e impessoalidade do repórter.

### **Gênero e Identidade Feminina**

Quanto à Gênero e Identidade Feminina, Celi Pinto (2010) define feminismo como um movimento que tem uma especificidade, a de produzir a sua própria reflexão crítica, a sua própria teoria. A autora explica, ao longo da história ocidental, que sempre existiram mulheres que se rebelaram em relação a suas condições de inferioridade em relação ao homem e lutaram por liberdade. Segundo a autora, o feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública,



na educação –, mas que luta por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.

Bourdieu (2002) discute a questão da desigualdade de gênero. Ele diz que a visão androcêntrica é legitimada pelas próprias práticas que ela determina. Ao conceituar violência simbólica, o sociólogo afirma que há uma violência naturalizada contra a mulher, ou seja, já se institucionalizaram determinadas práticas sociais que colocam a mulher numa condição de submissão. Evidencia-se isso nos ataques de Bolsonaro ao se referir às jornalistas de forma machista, tentando tirar a legitimidade do trabalho das profissionais.

Miguel & Biroli (2014) afirmam que esta desigualdade de gênero que está presente na vida das mulheres é um obstáculo para que elas possam usufruir dos direitos e espaços que os homens têm. Liga-se, assim, à divisão dos papéis sociais institucionalizados e naturalizados. (Bourdieu, 2002). Constatam-se, por exemplo, as dificuldades encontradas pelas mulheres para participarem da cobertura jornalística de editorias consideradas mais masculinas, como política, por terem “padrões diferenciados de socialização de gênero e a construção social da política como esfera masculina” (MIGUEL & BIROLI, 2014, p. 94).

## **Os Ataques de Bolsonaro à Jornalista Patrícia Campos de Mello**

### **Metodologia e *Corpus* de Análise**

A análise utilizou-se da Pesquisa Documental. Para discutir o embate entre o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) *versus* a imprensa tradicional, tomando como base o caso da jornalista Patrícia Campos Mello, do jornal *Folha de S. Paulo*, foram coletados os *tweets* do perfil do Twitter oficial do presidente Bolsonaro (@jairbolsonaro) Foram selecionadas notícias publicadas no Portal da *Folha de S. Paulo* e no *Portal G1*. Quanto à repercussão em entidades de classe, foram coletadas as notas postadas pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Associação Brasileira de Jornalistas Investigativos (ABRAJI), Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ), Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) e Observatório da Liberdade de Imprensa. Teve ainda um Manifesto de Mulheres Jornalista em Apoio à jornalista Patrícia Campos bem como uma Nota da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Quanto à Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2011), as categorias centraram-se nas ofensas às jornalistas com posturas misóginas e na busca de destituir a legitimidade do trabalho das jornalistas a partir da desigualdade de gênero. O ponto de partida foi a reportagem “Oito mulheres jornalistas atacadas por Bolsonaro” (KATAOKA, 2020). Ao

longo de 2019 até março de 2020, Kataoka identificou oito episódios/ataques envolvendo jornalistas mulheres, sendo 4 do Grupo Folha, 2 do Grupo Globo e 2 do Estadão.

Polêmica 1 - a polêmica com Constança Rezende, repórter do *O Estado de S. Paulo*, começou com uma interpretação deturpada inicialmente publicada no dia 10 de março de 2019, nas redes sociais pelo site *Terça Livre*, nomeada como “Jornalista do Estadão: ‘a intenção é arruinar Flávio Bolsonaro e o governo’”<sup>9</sup>. A postagem foi alimentada por ativistas conservadores e apoiadores de Bolsonaro. O presidente divulgou, em seu Twitter, no mesmo dia, um texto que diz “querem derrubar o governo, com chantagens, desinformações e vazamentos”. O *post* veio acompanhado de um áudio, cuja transcrição dos trechos audíveis não coincidiam com a interpretação que o presidente fazia das falas.

Polêmica 2 - Marina Dias, da *Folha de S. Paulo*, em entrevista coletiva do Presidente, quando o indagou acerca da verba para a educação, tendo em vista os cortes sofridos em 2019, foi atacada por Bolsonaro. No dia 16 de maio de 2019, o presidente, depois da pergunta, respondeu que a *Folha* não tinha que contratar “qualquer uma” para trabalhar no jornal, referindo-se à Marina Dias.

Polêmica 3 - em 6 de junho de 2019, a *Folha de S. Paulo* publicou uma notícia intitulada “Em momento de descontração, Bolsonaro diz que está apaixonado por repórter da *Folha*; assista”<sup>10</sup>. A jornalista assediada foi Sylvia Colombo. Em entrevista em Buenos Aires, no mesmo dia da publicação da matéria, Sylvia questionou o presidente sobre a entrega das credenciais diplomáticas à Maria Teresa Belandria, embaixadora da Venezuela, indicada pelo líder opositor Juan Guaidó para representá-lo no Brasil. A embaixadora havia sido desconvidada da cerimônia de apresentação das credenciais, por consequência de uma avaliação da ala militar do governo brasileiro, que julgou que o gesto poderia ser uma provocação desnecessária ao ditador da Venezuela, conforme escreveu a matéria da *Folha*. Antes mesmo que Sylvia completasse sua pergunta, Bolsonaro a interrompeu dizendo que recebeu as credenciais e que “[o processo] não havia sido acertado comigo”. “Eu sou uma pessoa do diálogo, pode ter certeza disso. Tanto é que, estou me declarando aqui, estou apaixonado por você”. Assim, tentou tirar o foco da pergunta, com um “assédio”.

Polêmica 4 – outro ataque aconteceu contra a jornalista Isadora Peron, do *Valor Econômico*. A polêmica começou com uma fala preconceituosa, advinda do presidente e

---

<sup>9</sup> <https://tercalivre.com.br/jornalista-do-estadao-a-intencao-e-arruinar-flavio-bolsonaro-e-o-governo/>. Acesso em 31 de março de 2021.

<sup>10</sup> [https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/06/em-momento-de-descontracao-bolsonaro-diz-que-esta-apaixonado-por-reporter-da-folha.shtml?utm\\_source=twitter&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=comptw/](https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/06/em-momento-de-descontracao-bolsonaro-diz-que-esta-apaixonado-por-reporter-da-folha.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=comptw/). Acesso em 05 de abril de 2021.



contra os nordestinos, feita no dia 19 de julho de 2019. Segundo reportagem publicada no *O Globo*, no dia 20 de julho de 2019, intitulada “Bolsonaro diz que não se referiu aos nordestinos com o termo ‘paraíba’”<sup>11</sup>, o presidente demonstra que não teve a intenção de ser interpretado como xenofóbico, apoiando-se na declaração: “A maldade tá no coração de vocês. Tenho tanta crítica ao nordeste que casei com a filha de um cearense”.

Polêmica 5 - no dia 19 de julho de 2019, durante um café da manhã com jornalistas estrangeiros, ao ser questionado sobre o episódio em que Miriam Leitão e seu marido, Sérgio Abranches, foram excluídos da 13ª Feira do Livro de Jaraguá do Sul, em Santa Catarina, sob a alegação “para garantir a segurança dos convidados” que repudiavam a presença dos mesmos devido ao seu “viés ideológico”. Em seguida, o presidente disse que Miriam deveria aprender a receber críticas – como ele tinha aprendido. Bolsonaro afirmou que a jornalista “tentou impor a ditadura no Brasil na luta armada”. Chegou a questionar se ela havia mesmo sofrido tortura durante o regime militar e acrescentou dizendo que Miriam serve a um “império” que não tem mais “aquela força que tinha no passado”, em referência à mídia tradicional, que pratica jornalismo profissional. E, com o celular na mão, Bolsonaro exaltou o que chamou de “mídia completamente livre”, em alusão às redes sociais.

Polêmica 6 - os ataques de Bolsonaro com viés machista também ganharam tons preconceituosos e xenofóbicos, desta vez tendo como vítima a jornalista Thaís Oyama, da *Folha de S. Paulo*. A reportagem da *Folha de S. Paulo*, “‘Você está falando da tua mãe?’, responde Bolsonaro sobre contratos de chefe da Secom”<sup>12</sup>, de 16 de janeiro de 2020. O texto trata da participação de Fábio Wajngarten, então chefe da Secom (Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República), que recebeu dinheiro de emissoras e agências de publicidade, contratadas pelo governo, na empresa em que é sócio. Bolsonaro recusou-se a responder os questionamentos feitos pela *Folha* acerca do assunto e disse que o jornal não tem moral para fazer perguntas. “Fora, Folha de S. Paulo, você não tem moral para perguntar, não”, afirmou o presidente pedindo para que outros repórteres fizessem os questionamentos. Ainda desrespeitou a repórter ao mandá-la calar a boca. Durante a tarde, em cerimônia da Operação Acolhida no Planalto, responsável por cuidar de refugiados venezuelanos no Brasil, o presidente fez críticas à imprensa, dizendo que a mesma “tem medo da verdade”. Nesse momento, fez uma acusação à jornalista Thaís Oyama, ao afirmar: “Deturpam o tempo todo e quando não conseguem deturpar, mentem

<sup>11</sup> <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-nao-se-referiu-aos-nordestinos-com-termo-paraiba-23821616>. Acesso em 05 de abril de 2021.

<sup>12</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/voce-esta-falando-da-tua-mae-responde-bolsonaro-sobre-contratos-de-chefe-da-secom.shtml>. Acesso em 05 de abril de 2021.

descaradamente. Esse é o livro dessa japonesa que eu não sei o que faz no Brasil, que faz agora contra o governo”. O livro referido é o “Tormenta”, lançado pela Companhia de Letras no mesmo mês de sua declaração, em janeiro de 2020.

Polêmica 7 - no dia 27 de fevereiro de 2020, o presidente atacou a editora do *BR Político* e colunista do *Estado*, Vera Magalhães, duas vezes, em uma delas a acusou de mentir ao divulgar que Bolsonaro compartilhou dois vídeos para seus contatos no aplicativo de mensagens instantâneas, *WhatsApp*, convocando-os em defesa do governo em manifestações no dia 15 de março. Segundo os movimentos de direita, os atos posicionavam-se contra o Congresso. Bolsonaro ofendeu a jornalista em entrevista na entrada do Palácio da Alvorada e em transmissão ao vivo em sua página do *Facebook*. Em ambas as ocasiões, o presidente disse que o vídeo divulgado por Vera Magalhães era de 2015. No entanto, naquele ano, Bolsonaro era deputado, e a facada sofrida por ele, que aparece na gravação, ocorreu na campanha de 2018, em Juiz de Fora.

A Polêmica referente ao caso da jornalista Patrícia Campos Mello, da *Folha de S. Paulo*, que tinha publicado reportagem em 18 de outubro de 2018, sobre disparo de mensagens pelo WhatsApp por empresários ligados a Bolsonaro, de forma ilegal, por não serem doações declaradas, voltou a ser alvo de polêmica com o então presidente quando houve depoimento na CPI da Fake News em que ela foi citada. O caso será analisado a seguir, ocorrido no dia 19 de fevereiro de 2020.

### **Da reportagem investigativa à inimiga do presidente hostilizada no Twitter**

Uma polêmica de Bolsonaro e repercute ainda nos dias de hoje é o caso que envolve a jornalista Patrícia Campos Mello. Trata-se de fala machista e com conotação sexual, em que o presidente desrespeitou e insultou Patrícia. O caso aconteceu no dia 18 de fevereiro de 2020 em uma entrevista em frente ao Palácio da Alvorada, segundo conta a reportagem feita pelo jornal *Folha de S. Paulo*, publicada no mesmo dia e com manchete “Bolsonaro insulta repórter da Folha com insinuação sexual”<sup>13</sup>.

### **Quadro 1 – Repercussão dos ataques de Bolsonaro à jornalista Patrícia Campos Mello**

Data	Veículo	Mensagem
18/11/2018	<i>Folha de S. Paulo</i>	“Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. Com contratos de 12 milhões, prática viola a lei por ser

<sup>13</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml>. Acesso em 05 de abril de 2021.

		doação não declarada”
11/02/2020	<i>Folha de S. Paulo</i>	“Ex-funcionário de empresa de disparo mente a CPI e insulta repórter da Folha”
12/02/2020	FENAJ e Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado (SJSP)	Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP)
12/02/2020	Manifesto de Jornalistas Mulheres	Manifesto de Mulheres Jornalistas em apoio à Patrícia Campos Mello
18/02/2020	Vídeo no Youtube do presidente Bolsonaro	“Ela [Patrícia] queria um furo. Ela queria dar o furo [risos dele e dos demais]”, a qualquer preço contra mim” (a um grupo de apoiadores em tom de risadas)
18/02/2020	ABRAJI, Observatório da Liberdade da Imprensa e OAB	As três entidades – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), Observatório de Liberdade de Imprensa e Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) divulgaram uma Nota de Repúdio aos Ataques contra a jornalista Patrícia Campos Mello
18/02/2020	<i>Folha de S. Paulo</i>	“Vilipendia também a dignidade, a honra e o decoro que a lei exige do exercício da Presidência” – Nota de Repúdio da Folha de S. Paulo
18/02/2020	<i>Folha de S. Paulo</i>	“Entidade de jornalismo e OAB dizem que insulto de Bolsonaro a repórter é ataque à democracia
19/02/2020	Associação Brasileira de Imprensa (ABI)	Nota e Vídeo no Youtube de Repúdio aos Ataques de Bolsonaro à jornalista Patrícia Campos Mello
27/03/2020	<i>Portal G1</i>	Justiça de SP condena Bolsonaro a indenizar jornalista em R\$ 20 mil por danos morais

Fonte: Dos autores, 2021

A repórter, em 18 de novembro de 2018, publicou uma reportagem<sup>14</sup> sobre os disparos em massa de mensagens no *WhatsApp* para beneficiar políticos nas eleições daquele ano, recorrendo ao uso fraudulento de nome e CPF de idosos para registrar *chips* de celular e assim encaminhar as informações. Mediante esse ocorrido, houve a CPMI das *Fake News* no Congresso, com intuito de investigar o caso. Nesse momento, um ex-funcionário de uma dessas empresas mentiu à comissão e insultou a jornalista, insinuando que a mesma o haveria procurado a troco de sexo, “(...) a pessoa querer um determinado tipo de matéria a troco de sexo”, afirmou Hans River do Rio Nascimento, conforme escreve matéria publicada pela *Folha de S. Paulo* no dia 11 de fevereiro de 2020, nomeada “Ex-funcionário de empresa de disparo em massa mente a CPI e insulta repórter da *Folha*”<sup>15</sup>.

A reportagem apresenta as falas de Hans, assim como o desenrolar da CPMI, com anexos das mensagens trocadas pelo ex-funcionário e por Patrícia. Bolsonaro declarou

<sup>14</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/fraude-com-cpf-viabilizou-disparo-de-mensagens-de-whatsapp-na-eleicao.shtml>. Acesso em 05 de abril de 2021.

<sup>15</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/ex-funcionario-de-empresa-de-disparo-em-massa-mente-a-cpi-e-insulta-reporter-da-folha.shtml>. Acesso em 05 de abril de 2021.

sobre a jornalista “Ela [Patrícia] queria um furo. Ela queria dar o furo [risos dele e dos demais]”, diante de um grupo de simpatizantes. Após uma pausa, durante os risos, Bolsonaro concluiu: “a qualquer preço contra mim”. (Trecho disponível em vídeo, juntamente com outros ataques feitos pelo presidente contra a imprensa e a declaração de Hans River: [https://www.youtube.com/watch?v=YiGsRVuyus4&ab\\_channel=Migalhas](https://www.youtube.com/watch?v=YiGsRVuyus4&ab_channel=Migalhas))

Essa afirmação de Bolsonaro contra a integridade profissional de Patrícia foi uma referência ao depoimento do ex-funcionário da agência de disparos de mensagens. O insulto do presidente foi repudiado por representantes de diversos partidos e políticos e por entidades jornalísticas, que consideraram um ataque à democracia.

A Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) também manifestaram solidariedade à jornalista em Nota de Repúdio. O texto da nota de repúdio<sup>16</sup>, de 12 de fevereiro de 2020, relembra o fato e os ataques à Patrícia na CPMI, assim como a reportagem feita pela *Folha de S. Paulo* que desmente as declarações difamatórias. As entidades esclarecem que repudiam as condutas e entendem que “contribuem para a perseguição a jornalistas e descredibilização da profissão, reflexos dos ataques deliberados e estimulados pelo governo.” A manifestação prossegue com as entidades repudiando, sobretudo, “o caráter, violento e sexista do ataque à misógino profissional jornalista, utilizado para colocar em dúvida a credibilidade das informações apuradas por Patrícia”, complementando que “o ataque atinge não só a repórter da *Folha*, mas também os princípios democráticos, constitucionais e a liberdade de imprensa”. No mesmo dia, foi lançado um Manifesto de Mulheres Jornalistas em solidariedade à Patrícia Campos Mello, repudiando os ataques sofridos por ela e o caráter misógino das acusações.

A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) e o Observatório da Liberdade de Imprensa da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) publicaram nota de repúdio<sup>17</sup>, no dia 18 de fevereiro, em solidariedade à repórter Patrícia. No texto, deixam claro que ambas entidades repudiam veemente a fala do presidente, ressaltando que “o desrespeito pela imprensa se revela no ataque a jornalistas no exercício de sua profissão”. A nota relata as falas do presidente que foram transmitidas ao vivo em sua página no Facebook, o que consideram o episódio ainda mais ofensivo. De acordo com a nota, os ataques aos jornalistas feitos por Bolsonaro são incompatíveis com os princípios da

<sup>16</sup> <https://fenaj.org.br/nota-oficial-fenaj-se-solidariza-com-jornalista-patricia-campos-mello-e-repudia-mentiras-e-ofensas-em-cpmi-das-fake-news/>. Acesso em 05 de abril de 2021.

<sup>17</sup> <https://abraji.org.br/noticias/abraji-e-observatorio-da-liberdade-de-imprensa-da-oab-repudiam-ataque-machista-de-bolsonaro-a-reporter-da-folha-de-s-paulo>. Acesso em 05 de abril de 2021.

democracia, que dependem da livre circulação de informação. Por fim, ressalta que não é a primeira vez que o presidente coloca em xeque a liberdade de imprensa e os preceitos básicos da democracia.

A *Folha de S. Paulo* também publicou nota<sup>18</sup> sobre a polêmica, no dia 18 de fevereiro de 2020, na qual o jornal alega que o presidente não só insulta Patrícia, mas o jornalismo profissional com a sua atitude. “Vilipendia também a dignidade, a honra e o decoro que a lei exige do exercício da Presidência”, afirma um trecho. O texto traz a contextualização do caso e a fala completa do presidente, em que ele se refere a Hans: “Ela [repórter] queria dar um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim [risos dele e dos demais]. Lá em 2018 ele [Hans] já dizia que ela chegava e ia perguntando: ‘O Bolsonaro pagou pra você divulgar pelo WhatsApp informações?’ E outra, se você fez fake news contra o PT, menos com menos dá mais na matemática, se eu for mentir contra o PT, eu tô falando bem, porque o PT só fez besteira.”, afirmou o presidente.

A Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em nota de repúdio<sup>19</sup> e em vídeo no Canal do Youtube, solidarizou-se com a jornalista e repudiou a atitude do presidente, qualificando a sua atitude como misógina. Pediu à Procuradoria Geral da República (PGR) para cumprir seu papel institucional, denunciando o presidente por quebra de decoro.

A *Folha de S. Paulo* reuniu as notas de repúdio em uma reportagem, intitulada “Entidade de jornalismo e OAB dizem que insulto de Bolsonaro a repórter é ataque à democracia”<sup>20</sup> e publicada no dia 18 de fevereiro de 2020. Também agregou o material a declarações do presidente da OAB, Felipe Santa Cruz, que avalia o insulto de Bolsonaro à repórter como uma “clara tentativa de intimidação” e demonstração de “mau-caratismo institucional”.

Patrícia Mello, então, processou o presidente, e o caso foi encaminhado para a justiça brasileira. Em seu julgamento, Bolsonaro foi condenado a indenizar a jornalista em R\$20 mil por danos morais, segundo relata matéria publicada no site do *GI*, no dia 27 de março de 2021, intitulada “Justiça de SP condena Bolsonaro a indenizar jornalista em R\$ 20 mil por danos morais”<sup>21</sup>. No entanto, a decisão é de primeira instância e cabe recurso, tendo sido proferida no dia 16 de março de 2021 e disponibilizada no site do Tribunal de Justiça

<sup>18</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/em-nota-folha-diz-que-insulto-de-bolsonaro-a-reporter-agride-todo-o-jornalismo-profissional.shtml>. Acesso em 05 de abril de 2021.

<sup>19</sup> <https://blogs.correiobraziliense.com.br/servidor/nota-oficial-da-abi/>. Acesso em 05 de abril de 2021.

<sup>20</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/entidades-de-jornalismo-e-oab-dizem-que-insulto-de-bolsonaro-a-reporter-e-ataque-a-democracia.shtml>. Acesso em 05 de abril de 2021.

<sup>21</sup> <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/27/justica-de-sp-condena-bolsonaro-a-indenizar-jornalista-em-r-20-mil-por-danos-morais.ghtml>. Acesso em 05 de abril de 2021.

paulista no dia 26 de março. Além disso, estabelece que Bolsonaro deve pagar as despesas processuais e honorários advocatícios, fixados em 10% do valor da condenação, tendo o presidente tem o prazo de 15 dias para recorrer a decisão.

### **Considerações Finais**

Levando em consideração as informações dispostas sobre o presidente Jair Bolsonaro e seu comportamento diante da mídia tradicional, é possível perceber ações que buscam deslegitimar o campo profissional e o jornalismo feito pelos veículos comunicacionais, conforme apontam Oliveira *et al* (2021). A postura do presidente, mesmo antes de se eleger, é marcada por conflitos com o campo jornalístico. Ao adotar as redes sociais – em especial o Twitter como canal oficial de contato com o seu público e até como canal governamental, Bolsonaro evita conceder coletivas à imprensa, atender aos jornalistas, funções básicas numa democracia em que a informação é fundamental. Ao contrário, desde que assumiu, estabeleceu uma relação conflituosa com os grupos de mídia, mas, principalmente, com os profissionais que estão em campo, no trabalho de apuração.

Demonstrando a sua postura machista, misógina e, por vezes, xenófoba, Bolsonaro ataca, na maior parte das vezes, jornalistas mulheres. Como vimos, de 2019 a março de 2020, foram oito jornalistas dos principais grupos de mídia. Há, certamente, um interesse do presidente em se esquivar de questionamentos da imprensa. Quando se vê em situações incômodas, em que os jornalistas lançam perguntas que não o agradam, ele parte para a ofensiva. Mas, como aponta Bourdieu (2002) e Miguel & Biroli (2014), se são mulheres na linha de frente, ele responde com ataques, tentando tirar a legitimidade do trabalho das jornalistas, desqualificando-as.

Na análise, verifica-se que, tanto no caso da jornalista Patrícia Mello, do Grupo Folha, como as outras sete jornalistas citadas, fica evidente como Jair Bolsonaro parte para o ataque acionando a desigualdade de gênero (Bourdieu, 2002), em que a mulher é colocada em uma condição de inferioridade para justamente tirar a legitimidade das profissionais que atuam no jornalismo político, que é uma área em que os homens se consideram hegemônicos. É uma forma de não responder aos questionamentos das jornalistas a temas polêmicos do governo, como pandemia, corrupção, crises, tentando mudar o foco, com piadas ou agressões verbais. Revela um retrato de um país em que o machismo e a história política caminham juntas.



## Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRAGA, J. L. Circuitos *versus* campos sociais. In: MATTOS, M.A.; JANOTTI JÚNIOR, J.; e JACKS, N. (Org.). **Mediação & Mídiação**. Salvador: EDUFBA, 2012, p.29-52.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. A condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- FENAJ. Presidente Bolsonaro promove 245 ataques contra o jornalismo no primeiro semestre. Brasília, 2020. Disponível em <https://fenaj.org.br/presidente-bolsonaro-promove-245-ataques-contra-o-jornalismo-no-primeiro-semester/>. Acesso em 10 de abril de 2021.
- GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1995.
- GROTH, Otto. Tarefas da pesquisa da ciência da cultura. In: MAROCCO, B.; BERGER, C. (Org.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2007. pp. 182-310.
- KATAOKA, J. Oito Jornalistas Mulheres atacadas por Bolsonaro desde o início do Governo. In: **Quicando Blogosfera Uol**. São Paulo, 08 de março de 2020. Disponível em <https://quicando.blogosfera.uol.com.br/2020/03/08/oito-jornalistas-mulheres-atacadas-por-bolsonaro-desde-o-inicio-do-governo/>. Acesso em 10 de março de 2021.
- LIMA, V. de. **Mídia**. Crise Política e Poder. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.
- MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT no WhatsApp. In: **Folha de S. Paulo**, 18 de novembro de 2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>
- MIGUEL, L.F. & BIROLI, F. **Feminismo e Política**. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2014.
- OLIVEIRA, L.A.; FERNANDES, C.M.; QUADROS, A.R. A 'Revanche' e 'Os Perversos': como Eliane Brum aborda Jair Bolsonaro na sua eleição e nos seus 100 primeiros dias de governo. **Anuario Estudios en Comunicación Social Disertaciones**, v. 14, p. 1-1, 2021
- PINTO, C. R. J. Feminismo, História e Poder. In: **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, jun.2010.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias de Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.
- ROSSETTO, G.; CARREIRA, R.; ALMADA, M. P. Twitter e comunicação política: limites e possibilidades. In: **Revista Compolítica**, n. 3, vol. 2, ed. Jul/dez. Rio de Janeiro: Compolítica, 2013.
- TUCHMAN, G. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. 1972. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega Editora, 1993.